

INGRID GOMES:
**HALL, STUART. A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-
MODERNIDADE. 7.ED. RIO DE JANEIRO: DP&Z, 2003.**

Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Pós-graduada em Globalização e Cultura pela Fundação de Sociologia e Política de São Paulo e Professora no Centro Universitário Barão de Mauá em Ribeirão Preto.

RESUMO: O intelectual Stuart Hall, de origem jamaicana com vivência nos Estados Unidos e na Europa, explora as formas de pensar a identidade hoje com a obra, “identidade cultural na pós-modernidade”, cruzando-as com as emblemáticas da globalização e reflete as posteriores ressonâncias dessa identidade híbrida que têm norteado o comportamento humano. Isso se torna cada vez mais atual diante das crises de identidades no oriente médio, Europa e demais países que se voltam a raízes sociais como possibilidade de “fugir” de elementos da cultura advindos do processo da globalização.

PALAVRA-CHAVE: Hall, globalização, crise da modernidade e identidade.

ABSTRACT: Stuart Hall, jamaican intellectual who lived in USA and Europe, explores the ways of thinking about today's identity with the piece "Cultural Identity in post-modernity", crossing them with the questions of globalization and reflexes and the subsequent resonances of that hybrid identity that have been orientating the human behavior contemplates. That becomes more and more current before the crises of identities in Middle East, Europe and other countries that return to social roots as possibility of “to flee” of elements of the culture that comes from consequence of the process of the globalization.

WORD-KEYS: Hall, globalization, crisis of modernity and identities

A IDENTIDADE CULTURAL: UM HIATO NO CENÁRIO MUNDIAL DA MODERNIDADE

TARDIA

Olhar diferente urgente se faz

Lançar a semente

Na seda do oriente voar

Rever outras culturas

Brindar todas as misturas

Urgente se faz

Cantar pela paz

Abraçar toda essa gente

Do Acre ao Azerbaijão

Um conto zulu, um tango argentino

Um xote, um baião

Na fé que irmana

Citara indiana

Na carta cigana

Versos do Alcorão

É como lê o meu coração

É como lê o meu coração

Um cocar do Xingu, um mantra do Tibet

Bombo legüero, um mambo, um chamané (...)

*Letra da música **Olhar Diferente** de Zé Alexandre*

Por meio dessa reflexão "Olhar diferente" introduz a necessidade de entender o mundo de diásporas culturais que a humanidade está submersa e que muitos antropólogos e intelectuais, da área de estudo, como Stuart Hall, lançam obras que intensificam essa possibilidade de compreender a atual crise cultural de xenofobismo que a pós-modernidade reforça por meio dos seus desdobramentos.

Na linha de pensamento dos estudos culturais o intelectual Stuart Hall desenvolve em seu livro "A identidade cultural na pós-modernidade" um estudo interessante sobre a formação da identidade cultural no mundo transitório dos tempos atuais e permeia uma reflexão sobre as direções que a identidade tem tomado com o advento da globalização.

Para isso Hall divide sua obra em seis capítulos com quatro grandes temáticas: a problemática da crise de identidade no ambiente pós-moderno (descentramento do sujeito); a questão das culturas nacionais como comunidades imaginadas; a globalização como fenômeno de mudança para a concepção do sujeito e de sua identidade; as questões sobre o global em detrimento do local e o retorno da etnia em se tratando de identidade no terreno globalizacional.

No começo da obra Hall demarca a importância de se entender o contexto histórico da pós-modernidade para compreender mais claramente como a identidade está se desenvolvendo nesse cenário, em torno disso ele esclarece:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (...) Esse processo de mudança é tão fundamental (...) que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada. Este livro acrescenta uma nova dimensão a esse argumento: a afirmação de que naquilo que é descrito, algumas vezes, como nosso mundo pós-moderno, nós somos também 'pós' relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade (...), define o autor (HALL, 2003, 09-10).

Ao tentar compreender mais profundamente a temática central sobre a crise de identidade Hall lança indagações reflexivas que estão entrelaçadas nos seis capítulos, como, em que consiste a crise e em que direção ela está indo, que acontecimentos recentes nas sociedades modernas precipitaram essa crise? Quais são suas conseqüências potenciais?

Para justificar essas reflexões que acercam a lógica dos estudos culturais sobre o período pós-moderno Hall conceitua três concepções de identidade que foram colocadas na intenção de dar suporte de entendimento sobre a "crise de identidade". São elas: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O primeiro se refere, como o próprio nome já menciona, ao momento histórico do iluminismo, que diz

respeito a uma concepção de sujeito centrado, unificado, em que ao nascer carrega consigo para toda vida seu núcleo (centro) que é o seu essencial, demarcando sua característica individual. Já o segundo sujeito se trata da identidade formada por interação, levando em conta o ambiente social em que o indivíduo nasce, sua classe social, sua cultura, ou seja, o seu núcleo que é sua essência como no sujeito do iluminismo, só que agora ele também sofre influência do mundo exterior, das interações sociais que permeiam seu ambiente social. Nesse sentido a identidade vai se constituir a partir do que o sujeito se depara estruturalmente, o que estabiliza tanto o sujeito quanto os mundos culturais que eles habitam "(...) tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis" (HALL, 2003, p.11). O terceiro tipo de sujeito rompe com esse sujeito unificado do iluminismo e com o sujeito predizível de acordo com sua estrutura social, pois no mundo atual o sujeito pós-moderno é fragmentado, sua identidade não é composta de uma única significação, mas de várias, algumas vezes até contraditórias ou não resolvidas. "Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais 'lá fora' e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as 'necessidades' objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais" (HALL, 2003, p.12). Hall coloca que esse sujeito pós-moderno vive identidades distintas em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente, ou seja, ele sugere que a identidade plenamente unificada é um discurso que se trata de um simulacro histórico, pois o mundo está em modificação e os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, o que faz o sujeito se confrontar com uma multiplicidade desconcertante e cambiantes de identidades possíveis, "(...) com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao mesmo temporariamente" (HALL, 2003, p.13).

Nesse sentido Hall avança na discussão da identidade pós-moderna colocando em cheque as próprias características desse descentramento do sujeito, perguntando: O que realmente está em jogo na questão das identidades? E argumenta que a identidade tornou-se politizada, por isso a importância de um jogo equitativo, com lados conscientes da amplitude das regras.

Continuando sua reflexão Hall aponta os cinco grandes avanços da teoria social e nas ciências humanas ocorridos no pensamento, no período da modernidade tardia ou pós-modernidade (segunda metade do século XX). Um breve passar por estes avanços,

o primeiro diz respeito às tradições do pensamento marxista que colocara o homem como fazedor de sua história, entretanto apenas sob as condições que lhe são fornecidas, rompendo com a idéia de que havia uma essência universal de homem, já que este só avançaria levando em conta sua estrutura de crescimento cultural, portanto diferente entre os seres humanos distribuídos no globo.

O segundo lembra os estudos de Freud em que este define a imagem do eu como inteiro e como resultado de um processo, em que a criança trabalha o aprendizado, gradualmente, parcialmente, e com grandes dificuldades, mostrando que a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo e que está sempre em processo de formação. Já o terceiro está associado com o trabalho do lingüista estrutural Ferdinand de Saussure que esclarece que os seres humanos não são os autores das afirmações que fazem ou dos significados que expressam na língua, ele define a língua como preexiste aos seres humanos, como sendo um sistema social e não um sistema individual. Nesse sentido Hall chama a atenção que ao falar uma língua não "significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais, significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais" (HALL, 2003, p.39).

O quarto avanço é sobre o poder disciplinador das teorias de Michel Foucault, que forneceu um estudo profundo sobre a regulação e a vigilância que o ser humano está situado, a partir de locais que chama de novas instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX e que policiam e disciplinam as pessoas como, oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais e clínicas. Hall acrescenta a esta inovação na história do homem moderno a reflexão de que "quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual" (HALL, 2003, p.43).

O último impacto ressaltado é o modelo do movimento feminista aos outros movimentos sociais da década de 60, criando-se a idéia de "política de identidade", o que para Hall politizou-se a subjetividade, a identidade e o processo de identificação com a generalização que cada movimento reivindicava. "O feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a 'humanidade', substituindo-a pela questão da diferença sexual" (HALL, 2003, p.46).

Já no capítulo três "as culturas nacionais como comunidades imaginadas" Hall expõe como as culturas nacionais são construídas pelo discurso de pertencimento ao local de origem, e a formação de um sentimento de identidade e lealdade à idéia de nação, que é representada no interior das transformações sociais e políticas. A maneira como a cultura é narrada, pelas histórias vindas da literatura, da mídia e da cultura popular do cotidiano das pessoas. A idéia construída de origem da nação, em representar um cenário histórico que compreende a "verdadeira natureza das coisas". A problemática de tentar construir práticas (rituais ou simbologias) que buscam inculcar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição "(...) a qual automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado" (HALL, 2003, p.54) o que lembra bem a idéia de poder disciplinador de Foucault. E outros dois apontamentos de Hall que se relaciona com o mito fundacional que remete a uma história que localiza a origem da nação (num tempo mítico) e a idéia de um povo puro, original como se fosse possível sem se hibridizar ou miscigenar em tempos de migração, imigração, e guerras entre povos. Mas como Hall aponta os elementos para se criar uma cultura nacional implica em estabelecer as forças que norteiam a aplicação dessa representação de sentido. Nesse rumo a formação de uma cultura nacional contribui para criar padrões de alfabetização universais e colocar uma determinada cultura da nação, entre várias que circundam o território, como a hegemônica e, portanto, a coerente e unificada e que muitas vezes, ou a maioria das vezes, é benefício da classe social em destaque que intenciona a pacificação do povo e adesão dele através do consentimento ao pertencimento a uma identidade coletiva, nacional.

Nesse sentido Hall desconstrói o conceito de cultura nacional indicando a idéia de diferença, miscigenação e a aponta como uma estrutura de poder cultural representacional, que está se desintegrando pelo complexo ritmo de integração global, a globalização.

O autor vai sugerir que todo sistema de representação remete aos conceitos de tempo e espaço como estruturas bem definidas e que no advento da modernidade tardia a dinâmica entre o espaço e o tempo tornou-se outra, pois a aceleração dos processos globais diminuiu a idéia de mundo e as distâncias tornaram-se mais curtas.

O outro apontamento globalizacional sobre a representação de cultura nacional são os fluxos culturais que permitem o partilhamento com outras identidades nas diversas regiões do mundo, já que o espaço não precisa ser o mesmo.

À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (...) Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente" (HALL, 2003, p.74-75).

Diferente de muitos intelectuais que pensam sobre a identidade na pós-modernidade Hall vai colocar que no mundo global surge simultaneamente novas identificações globais e locais, ou seja, uma não anula a possibilidade de existência da outra. Isso não apaga a desigualdade da direção do fluxo globalizacional, do ocidente desenvolvido e moderno para o oriente "exótico", numa definição que ele chama de geometria do poder.

Para Hall o processo de migração acelerado pela globalização permite afirmar que cada nação habita uma diversidade de civilizações, culturas e identidades proliferando novas posições de identidade, juntamente com um aumento de polarização entre elas "(...) esses processos constituem (...) a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades" (HALL, 2003, p.84). Uma outra possibilidade de identidade é aquela que Hall conceitua de retorno à tradição, a mesma tradição já supracitada das culturas nacionais. Esse recuo ao passado "imaginado, criado" constitui duas outras formas de preocupação atual, o fundamentalismo e o nacionalismo. O primeiro não suporta pensar em identidades novas, híbridas, eles retornam a raízes culturais de origem simbólica para continuarem vivendo como seres de identidades antigas "enraizadas" no tempo antigo, criado pela tradição, se preocupam que a mistura entre diferentes culturas inevitavelmente enfraquecerá e destruirá sua própria cultura. O segundo produz movimentos separatistas e de independência baseados no pertencimento a seus grupos de "origem". "Esses novos aspirantes ao *status* de 'nação' tentam construir Estados que sejam unificados tanto em termos étnicos quanto religiosos, e criar entidades políticas

em torno de identidades culturais homogêneas. O problema é que elas contêm, dentro de suas 'fronteiras', minorias que se identificam com culturas diferentes" (HALL, 2003, p.94).

Portanto Hall traça na obra supracitada uma análise clara e bem desenvolvida a cerca da questão do desenvolvimento da identidade no mundo atual. Bem como sugeri pensar esta idéia por meio de uma "dialética das identidades" ampliando o leque de possibilidades de comparar as identidades que se encontram nos mais distintos contextos sociais. Complementando essa postura mais plural de encarar o mundo pós-moderno a música de Zé Alexandre "(...) Rever outras culturas/Brindar todas as misturas/Urgente se faz/Cantar pela paz (...)", faz sentido, e clama por uma racionalidade que não desrespeite o outro, por ele ser diferente, que apenas o aceite como tendo uma outra identidade, se é que se pode pensar em uma única identidade para o sujeito da modernidade tardia, como reflete Hall.